

## SOBRE A NECESSIDADE DA LIGAÇÃO DAS MÔNADAS A CORPOS EM LEIBNIZ

Edgar Marques  
UERJ/CNPq

**Resumo:** Segundo a filosofia de Leibniz, substâncias simples imateriais – as mônadas – são os verdadeiros átomos metafísicos da natureza, possuindo os corpos, em função de serem compostos, um estatuto ontológico derivado e secundário. Entretanto, Leibniz afirma também que as mônadas, apesar de ontologicamente primárias, estão sempre ligadas a corpos. O objetivo do presente artigo é oferecer uma reconstrução conceitual das razões que sustentam, no interior da metafísica leibniziana, a tese de que não pode haver mônadas que não estejam ligadas a corpos.

**Palavras-chave:** Leibniz, metafísica, mônadas, corpos.

**Abstract:** According to Leibniz's philosophy, simple immaterial substances – monades – are the true metaphysical atoms of nature. Because they are composites, bodies have a secondary ontological status. However, Leibniz also says that although monades are ontologically primary, they are always bound to bodies. The aim of this paper is to propose a conceptual reconstruction of the reasons that support, within Leibniz's metaphysics, the thesis that all monades are bound to a body.

**Key words:** Leibniz, metaphysics, monades, bodies.

**P**or certo a mais surpreendente e contrária ao senso comum filosófico das idéias metafísicas sustentadas por Leibniz em seu período de maturidade consiste na afirmação de que há no plano ontológico fundamental, em sentido estrito, unicamente substâncias simples de natureza exclusivamente espiritual, denominadas por ele, com alguma flutuação terminológica e conceitual, enteléquias ou mônadas. Aos corpos a metafísica leibniziana parece reservar apenas o papel de entidades ontologicamente derivadas e secundárias, redutíveis em algum sentido às mônadas e delas dependentes.

Nos textos leibnizianos encontramos duas determinações diversas dessa relação de redução ou dependência: os corpos podem ser caracterizados quer como fenômenos bem fundados quer como agregados de mônadas.

Atribuir aos corpos uma natureza fenomênica – sendo indiferente para meus propósitos aqui o fato de se tratar de fenômenos bem fundados e não de fenômenos *tout court* — significa, no interior do sistema leibniziano, considerar que eles não são por si um ser uno, dependendo, ao contrário, sua unidade da maneira como eles são percebidos. Para Leibniz, algo é um fenômeno na medida em que a consideração dele como uma unidade – isto é, nos termos leibnizianos, como um ente<sup>1</sup> – depende de um modo de percepção de alguma coisa dele distinta. Isso implica dizer que o ser do fenômeno enquanto fenômeno depende do ser do ente que percebe o fenômeno como uma unidade. A distinção leibniziana entre fenômeno e ser real é, assim, fundamentalmente uma distinção que diz respeito à origem da unidade dos entes. Exclusivamente os entes cuja unidade esteja fundada na sua própria natureza podem ser tomados como seres reais, sendo considerados como fenômenos todos aqueles entes cuja unidade repouse sobre um determinado modo de representação que se faça deles. Assim, as gotas de chuva que, tomadas em si mesmas, constituem obviamente uma pluralidade formam uma unidade ao serem percebidas como **um** arco-íris, quando atravessadas por um raio de sol. Essa unidade, contudo, é claramente dependente de uma percepção, sendo, por isso, de natureza fenomenal, e não ontológica ou metafísica.

A atribuição aos corpos de uma natureza meramente fenomênica deve ser compreendida, dessa maneira, como uma negação de que eles sejam por si entes realmente unos, derivando sua unidade do modo pelo qual eles são percebidos por certos entes dotados de percepção. Isso significa que eles são percebidos como unos, mas que não são unos independentemente dessa percepção deles como unos. Se a unidade dos corpos repousa sobre sua

---

<sup>1</sup> Quanto a esse ponto, Leibniz é suficientemente claro em carta escrita a Arnauld em 30 de abril de 1687: “eu considero ser um axioma essa proposição idêntica que é diferenciada apenas pela ênfase: *o que não é verdadeiramente um ser também não pode ser verdadeiramente um ser*”, em: LEIBNIZ, G. W., *Discours de métaphysique et Correspondance avec Arnauld*, Paris: Vrin, 1993, 165.

percepção como unos, então a realidade dos corpos depende da realidade dos entes percipientes que os percebem como unos, vale dizer, a realidade dos corpos depende da realidade das mônadas. Esse é o primeiro sentido da dependência ontológica dos corpos relativamente às mônadas.

Essa dependência não se esgota, entretanto, na produção dessa unidade ôntica. Em função da divisibilidade ao infinito de tudo que é extenso, os corpos, além de não constituírem por si uma unidade, também não podem ser considerados como múltiplos formados a partir de outras unidades corpóreas mais fundamentais, uma vez que todo o corpóreo é extenso e, por conseqüência, múltiplo. Aplicando o princípio metafísico, segundo o qual toda multiplicidade pressupõe as unidades a partir das quais ela se constitui<sup>2</sup>, Leibniz conclui que a atribuição de realidade aos corpos implica a suposição de unidades incorpóreas constituidoras desses corpos. Sem recorrer à idéia dessas unidades incorpóreas não seria possível, de acordo com Leibniz, tornar inteligível a idéia da multiplicidade corpórea, quer dizer, a idéia mesma de corpo.

É importante ressaltar, contudo, que essa relação entre o múltiplo corpóreo e as unidades incorpóreas não deve de modo algum ser concebida como uma relação análoga àquela que vigora entre um todo e suas partes. Leibniz esclarece, nas notas de um diálogo com Michel Angelo Fardella<sup>3</sup>, que as substâncias indivisíveis não são partes das quais o corpo seja composto, mas sim, mais propriamente, um requisito<sup>4</sup> interno para a existência deles, pois não se pode conceber a existência do múltiplo – todo corpo é múltiplo por ser divisível ao infinito – sem a existência da unidade. Para que se possa melhor compreender a natureza dessa relação, Leibniz oferece a seguinte comparação: “assim como um ponto não é uma parte de uma linha, sendo tal parte uma linha na qual se encontra o ponto, do mesmo modo uma alma não é parte da matéria, mas um corpo no qual há a alma é tal parte da matéria”<sup>5</sup>. O sentido dessa comparação é simplesmente o de ressaltar o fato de que, quando lidamos com o decomponível ao infinito,

---

<sup>2</sup> Leibniz escreve no parágrafo 2 da *Monadologia*: “É preciso que haja substâncias simples visto que há compostos, pois o composto não é outra coisa que a reunião ou o *aggregatum* dos simples”, in: LEIBNIZ, G. W., *Die philosophischen Schriften*, herausgegeben von C. I. Gerhardt, Georg Olms, 1996, Vol. VI, 607 (De agora em diante, farei referência a essa edição por meio do nome “Gerhardt” seguido do número do volume em algarismos romanos e do número da página em algarismos arábicos). De maneira mais clara ainda, ele afirma na carta de 30 de junho de 1704 a de Volder: “pois onde não há nenhuma unidade, aí também não há nenhuma multiplicidade”, in: Gerhardt, II, 267.

<sup>3</sup> Ver LEIBNIZ, G.W., *Philosophical essays*, edited and translated by Roger Ariew and Daniel Garber, Indianapolis & Cambridge: Hackett, 1989, 101-105.

<sup>4</sup> A expressão “requisito” é um termo técnico leibniziano. Em um texto de 1676 ele a define da seguinte maneira: “Um requisito é aquilo sem o qual a coisa não pode ser”, em: LEIBNIZ, G. W., *Recherches générales sur l'analyse des notions et des vérités*, Paris: PUF, 1998, 30.

<sup>5</sup> LEIBNIZ, G.W., *Philosophical essays*, edited and translated by Roger Ariew and Daniel Garber, Indianapolis & Cambridge: Hackett, 1989, 105.

apesar do composto pressupor o simples, este último não precisa ser pensado como um elemento a partir do qual o composto seja como que “montado”. Da mesma maneira como há sempre infinitos pontos em qualquer segmento de linha não sendo possível nunca destacarmos “os” pontos constituidores da linha, mas unicamente segmentos de linha que podem ser novamente divididos ao infinito, assim também nunca identificaremos “as” mônadas constituidoras de um corpo, mas unicamente corpos dotados de mônadas e que são constituídos por corpos ainda menores também dotados de mônadas, e assim ao infinito. A menor parte constituidora de um corpo que pudermos destacar será ainda extensa e poderá, portanto, ser ainda idealmente dividida, sendo, dessa maneira, ainda múltipla e corpórea. As mônadas não são, dito de outro modo, a menor parte constituinte dos corpos, simplesmente porque elas não são partes constituintes dos corpos, mas sim unidades produtoras da multiplicidade corpórea e que são, por isso mesmo, imateriais e incorpóreas.

Resumindo, a caracterização dos corpos alternativamente como fenômenos bem fundados ou como agregados expressa a duplicidade da relação de dependência vigente, segundo a metafísica de Leibniz, entre mônadas e corpos. Corpos são fenômenos, pois sua unidade se funda exclusivamente na percepção que mônadas têm deles como sendo unos, e são também produtos da agregação de mônadas, uma vez que a existência do que é múltiplo pressupõe a existência das unidades que o constituem.

Essa dupla dependência ontológica dos corpos em relação às mônadas implica a tese, expressa, por exemplo, no parágrafo 66 da *Monadologia*, que há mônadas na mais ínfima porção de matéria, não havendo nada de extenso que seja delas desprovido<sup>6</sup>.

Disso não se segue, contudo, que a tudo aquilo que em nossa linguagem cotidiana caracterizamos como sendo um corpo físico — tal como uma caneta, uma cadeira ou um copo — deva ser atribuída uma forma substancial — ou mônada — que sirva como um princípio vital de sua organização. Essa atribuição é válida unicamente no caso dos organismos vivos. Quer dizer, do fato de haver vida em todas as porções de matéria não se segue que cada porção de matéria constitua por si um todo organizado e vivo<sup>7</sup>.

Levando em conta esse caráter primitivo e ontologicamente fundamental das mônadas relativamente aos corpos, seria razoável, creio, aventar a possibilidade de uma existência de mônadas que não estivessem ligadas a

---

<sup>6</sup> “Isso faz com que se veja que há um mundo de criaturas, de seres vivos, de animais, de enteléquias, de almas na menor porção de matéria”, Gerhardt, VI, 618.

<sup>7</sup> “É verdade (segundo meu sistema) que não há nenhuma porção de matéria onde não haja uma infinidade de corpos orgânicos e animados, sob os quais eu compreendo não somente os animais e as plantas, mas também talvez outros tipos que nos são inteiramente desconhecidos. Mas não é preciso dizer em função disso que cada porção da matéria é animada. É como não dizermos que um lago cheio de peixes é um corpo animado, ainda que o peixe o seja”, em: Gerhardt, VI, 539-540.

nenhum corpo, pois nenhuma das idéias apresentadas até o presente momento deste texto parece implicar uma “encarnação” necessária delas em corpos. Nada do que foi dito até agora parece, ao menos à primeira vista, fornecer elementos que inviabilizem a suposição de que algumas dessas unidades imateriais e imperecíveis gozem de uma vida absolutamente incorpórea sem estabelecer, assim, nenhum tipo de ligação com nenhuma porção da extensão. Em outras palavras, não me parece contraditório, a partir da tese inicial da existência de substâncias simples incorpóreas e do esclarecimento de que corpos são produtos da agregação dessas substâncias simples, presumir que algumas dessas substâncias individuais imateriais espontâneas simples possam subsistir independentemente de sua vinculação a agregados de outras substâncias. Essa afirmação consistiria, *prima facie*, simplesmente em um caso particular da plausível tese geral de que pluralidades dependem ontologicamente de unidades, mas que unidades são ontologicamente independentes de pluralidades.

Entretanto, como é do conhecimento geral, essa **não** é a posição defendida por Leibniz. Inúmeras são as passagens em sua obra nas quais ele afirma explicitamente que mônadas estão sempre ligadas a corpos. Por exemplo, em sua resposta às críticas a seu sistema formuladas por Bayle na segunda edição do *Dicionário histórico e crítico* – nota L do verbete Rorarius —, Leibniz escreve, de maneira incisiva, que “não há alma ou entelêquia que não seja dominante relativamente a uma infinidade de outras que entram em seus órgãos, não havendo jamais a alma sem algum corpo orgânico adequado apropriado para seu estado presente”<sup>8</sup>. Em uma carta, provavelmente contemporânea ao texto da resposta a Bayle, escrita à rainha Sofia, Leibniz reafirma a mesma posição, adotando porém um tom um pouco mais cauteloso: “estou inclinado a pensar que todas as substâncias imateriais finitas (mesmo os espíritos ou anjos de acordo com a opinião dos antigos padres da igreja) estão ligados a órgãos e acompanham a matéria, e estou mesmo inclinado a pensar que almas ou forças ativas encontram-se em tudo”<sup>9</sup>.

Dessa maneira, parece claro que Leibniz pensa não só que não pode haver algo corporal e extenso que não seja constituído, em última instância, por mônadas, mas, surpreendentemente, também que não pode haver mônadas finitas que não estejam ligadas a corpos.

Sob pena de perda da inteligibilidade do sistema metafísico leibniziano, não se pode, então, considerar que as relações entre corpos e mônadas se resumam à relação de dependência ontológica dos primeiros relativamente às últimas, sendo fundamental, para poder explicitar as razões que levam Leibniz à afirmação da necessidade da ligação de mônadas a corpos, que

---

<sup>8</sup> LEIBNIZ, G.W., *Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias*, seleção e tradução de Edgar Marques, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, 105.

<sup>9</sup> LEIBNIZ, G.W., *Filosofia para princesas*, tradução de Javier Echeverria, Madrid: Alianza Editorial, 1989, 120.

se mostre em que medida essa ligação a um agregado de substâncias que não é ele mesmo uma substância pode ser condição essencial para que uma substância simples imaterial possa existir. Quer dizer, se não quisermos considerar a tese da ligação necessária de mônadas a corpos como um axioma não-fundamentado da metafísica de Leibniz, somos obrigados a formular hipóteses interpretativas que expliquem por que uma mônada não pode ser sem um corpo à qual ela esteja ligada<sup>10</sup>.

Para elaborarmos uma resposta satisfatória a essa questão, devemos, em primeiro lugar, esclarecer o verdadeiro sentido de algumas das noções presentes ou pressupostas em sua formulação. A primeira delas é a noção mesma de ligação ou conexão entre mônadas e corpos. Se levarmos em conta que, para Leibniz, (1) as mônadas são os constituintes últimos do real, sendo os próprios corpos produtos da agregação de mônadas, havendo, assim, em última instância, apenas mônadas e as modificações de seus estados internos, e que (2) elas são — lançando mão da conhecida metáfora leibniziana — desprovidas de janelas, de tal modo que todas as suas alterações são produzidas internamente, podemos, então, considerar que tal conexão ou ligação não pode consistir em uma relação de influência causal entre mônadas e corpos, isto é, em uma relação em que os estados presentes em um dos pólos sejam responsáveis por alterações que emergem no outro. Pelo contrário, a afirmação da subsistência da ligação de uma mônada a um corpo deve resumir-se a algum tipo de consideração acerca dos estados internos presentes na mônada.

De acordo com Leibniz, o estado estar-ligada-a-um-corpo não é conferido a uma mônada em função da subsistência de algum tipo de conexão real e efetiva entre essa mônada e um determinado corpo, devendo ser compreendido, mais propriamente, como uma espécie de solução explicativa elaborada com o intuito de esclarecer a ocorrência de uma harmonia perfeita entre as representações que a mônada possui acerca de suas próprias modificações e as modificações fenomênicas, percebidas por ela, próprias a um determinado corpo. Em outras palavras, estar-ligada-a-um-corpo significa, no caso das mônadas, não que o estado de coisas mônada-ligada-a-corpo subsista de alguma forma, mas sim unicamente que as modificações da mônada harmonizam-se perfeitamente com as modificações percebidas

---

<sup>10</sup> A questão a ser tratada neste texto foi colocada, em forma de objeção, por Jaquelot em carta a Leibniz de 6 de setembro de 1704. Ele escreve: “eu não vejo nada que nos impeça de admitir a existência de seres inteligentes separados da matéria, pois, uma vez que há espíritos e corpos, por que não haveria espíritos separados da matéria, como há tanta matéria separada dos espíritos?”, in: Gerhardt, VI, 563. Claro que é necessário primeiramente corrigir Jaquelot em dois pontos, dizendo (1) que corpos, ao contrário das mônadas, são entidades ontologicamente derivadas, e não primitivas e (2) que não há, de acordo com Leibniz, porção da matéria que seja desprovida de mônadas. Mas creio que essas correções não enfraquecem a questão por ele levantada, servindo, ao contrário, para fortalecê-la.

relativas a um certo corpo, tal como ocorreria caso houvesse relações de influência e de determinação entre mônadas e corpos. É a essa relação de mútua expressão que Leibniz chama de concomitância ou harmonia pré-estabelecida, formulando a partir dela uma resposta ao problema da ligação alma-corpo sem lançar mão quer da concepção cartesiana de influência entre substâncias de natureza distinta quer da noção malebranchiana de um concurso permanente de Deus na produção das modificações que ocorrem tanto na substância extensa quanto na pensante.

Há ainda um outro ponto cuja elucidação deve tornar mais claro o sentido do problema do qual estamos tratando. Se ponderarmos que, como vimos, de acordo com a metafísica leibniziana, corpos possuem uma natureza meramente fenomênica, sendo, em termos ontológicos, produtos da agregação de mônadas, então a representação que uma mônada faz de si como estando ligada a um corpo pressupõe que ela represente – ou perceba – certas outras mônadas como constituindo um corpo. Quer dizer, é apenas porque as mônadas dominantes percebem ou representam o agregado formado pelas mônadas dominadas como sendo de natureza corpórea que a questão da ligação entre mônada e corpo pode surgir e ganhar algum sentido.

Seria profundamente equivocado, portanto, interpretar o problema concernente à ligação entre mônadas e corpos como se ele dissesse respeito ao estabelecimento de relações reais entre substâncias de dois tipos distintos, tal como o poderia indicar uma leitura algo apressada de algumas passagens da segunda parte do *Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias*. Esse problema deve ser, pelo contrário, pensado unicamente em termos das representações que uma mônada faz de si e de outras mônadas, buscando estabelecer as razões pelas quais toda mônada tem de representar a si mesma como ligada a um corpo e a outras mônadas como constituindo agregados de natureza corpórea.

No parágrafo 124 da segunda parte da *Teodicéia* Leibniz tenta formular uma resposta à questão acima levantada:

“A natureza teve necessidade de animais, de plantas, de corpos inanimados. Há nessas criaturas não-rationais maravilhas que se prestam ao exercício da razão. Que faria uma criatura inteligente se não houvesse as coisas não-inteligentes? Em que ela pensaria se não houvesse nem movimento, nem matéria, nem sentidos? Se ela tivesse somente pensamentos distintos, ela seria um deus, sua sabedoria seria sem limites. Essa é uma das consequências de minhas meditações. Uma vez que haja uma mistura de pensamentos confusos, eis aí os sentidos, eis aí a matéria, pois esses pensamentos confusos provêm da relação de todas as coisas entre si segundo a duração e a extensão. É isso que faz com que na minha filosofia não haja nenhuma criatura racional sem algum corpo orgânico e que não haja nenhum espírito criado que seja totalmente destacado da matéria”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> LEIBNIZ, G. W., *Essais de théodicée*, Paris: Garnier-Flammarion, 1969, 181.

O argumento apresentado por Leibniz nessa passagem parece-me que pode ser interpretado como sendo constituído pelos seguintes passos:

- (1) A ligação de uma mônada finita a um corpo é condição necessária e suficiente para que nela se produzam idéias obscuras e confusas.
- (2) Se uma mônada finita possui apenas idéias claras e distintas, ela equivale a Deus em sabedoria.
- (3) Nenhuma mônada finita equivale a Deus em sabedoria.

Logo,

- (4) Toda mônada finita está ligada a um corpo.

A idéia fundamental presente aqui parece ser, então, a de que a necessidade da ligação de cada mônada a um determinado corpo deve ser aceita para que se evite a afirmação, obviamente absurda, de que há mônadas finitas que possuem uma sabedoria idêntica à divina. A ligação a um corpo entra aqui, portanto, como elemento impossibilitador dessa identificação da sabedoria monádica à sabedoria divina na medida em que se considera que a presença de idéias obscuras e confusas nas mônadas é um produto necessário dessa ligação<sup>12</sup> e que se observa que em Deus somente existem idéias claras e distintas. Assim, mônadas devem estar ligadas a corpos para que suas representações não possam ser todas claras e distintas, evitando, dessa maneira, sua identificação a Deus.

Das três premissas desse argumento, apenas a terceira dispensa qualquer esforço de esclarecimento ou justificativa adicional. O próprio conceito de Deus do qual se parte garante que, por princípio, nada possa se igualar a ele em conhecimento, sabedoria ou sob qualquer outro ponto de vista. O mesmo, contudo, não pode ser afirmado das premissas 1 e 2. Entretanto, por uma questão da economia interna do presente texto vou tomar também a segunda premissa por assentada, concentrando-me unicamente no esclarecimento e justificativa da primeira premissa. Tenho, contudo, esperanças de que ao esclarecer e justificar a premissa 1 também fiquem claras as razões que me fazem ser favorável à aceitação da premissa 2.

Em relação à premissa 1, é necessário que se esclareça por que razão a ligação de uma mônada a um corpo é responsável — e única responsável — pela produção nela de idéias obscuras e confusas, não havendo, conforme esclarecemos mais acima, espaço, no sistema leibniziano, para nenhuma resposta que implique ou pressuponha relações reais de influência entre corpos e mônadas, isto é, relações nas quais características ou modificações dos corpos sejam causalmente responsáveis pela produção de determina-

---

<sup>12</sup> Deleuze estabelece a relação entre esses conceitos de um modo um pouco diverso. Resumindo Leibniz, ele afirma: “devo ter um corpo porque há o obscuro em mim”; em: DELEUZE, Gilles, *A dobra. Leibniz e o barroco*, Campinas: Papirus, 2000, 145.

das percepções ou representações internas nas mônadas. Estando afastada essa hipótese da atuação do corpo sobre a mônada, é preciso que se explique em que sentido se pode dizer que é por estarem ligadas a corpos que mônadas possuem idéias obscuras e confusas.

Formulando, então, a questão de uma maneira um pouco mais adequada ao ponto de vista próprio à metafísica leibniziana, o que se está buscando determinar são as razões que fundamentam a tese de que mônadas precisam representar a si mesmas como ligadas a corpos e a outras mônadas como constituindo corpos, uma vez que é isso que significa, em última instância, afirmar, em Leibniz, que mônadas se ligam a corpos.

A resposta para essa questão pode ser encontrada no próprio excerto de Leibniz acima transcrito. Ele afirma que “esses pensamentos confusos provêm da relação de todas as coisas entre si segundo a duração e a extensão”. A tese de Leibniz parece ser, assim, a de que a obscuridade e a confusão nas idéias tem sua origem no fato de as relações que as coisas estabelecem entre si se darem no tempo e na extensão. Transpondo essa afirmação referente ao plano dos fenômenos – o plano das “coisas” — para o plano ontologicamente mais fundamental das mônadas e suas percepções, podemos dizer que, segundo Leibniz, há confusão e obscuridade nas idéias das mônadas simplesmente porque as mônadas representam a realidade como sendo fundamentalmente temporal e extensa. O ponto central é aqui, então, a idéia de que a forma extenso-temporal que reveste ou constitui os conteúdos representacionais das idéias que as mônadas possuem umas das outras implica necessariamente a constituição de — ao menos algumas — idéias obscuras e confusas. Resta, contudo, esclarecer por que razão a temporalidade e a extensão devem ser vistas como origem da confusão e da obscuridade nas representações monádicas.

Uma idéia é obscura na medida em que o conteúdo intensional nela presente não é suficiente para que se reconheça a coisa da qual ela é idéia e se possa distingui-la perfeitamente das outras coisas. Ela é, além disso, confusa caso esse mesmo conteúdo não permita que se determine com precisão as características por meio das quais se conhece a coisa da qual ela é idéia<sup>13</sup>. Obscuridade e confusão nomeiam, assim, duas formas diversas de ausência de distinção: no caso da obscuridade faltam elementos para que se distingam as coisas umas das outras, faltando no caso da confusão a determinação precisa dos traços constitutivos da coisa referida pela idéia.

Para a nossa presente discussão o que é relevante é o fato de que a emergência de idéias obscuras e confusas pressupõe tanto a referência – ainda que imprecisa e vaga – às coisas quanto a indistinção desse referir. Dessa

---

<sup>13</sup> A esse respeito, ver o capítulo XXIX do livro II dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano*.

maneira, dizer que a ordenação extenso-temporal dos conteúdos das representações monádicas se encontra na origem da obscuridade e confusão nessas representações implica considerar que essa ordenação possibilita a referência às coisas ao mesmo tempo que obriga que ao menos algumas dessas representações sejam indistintas nos dois sentidos acima caracterizados.

Em relação ao primeiro ponto, podemos dizer que a ligação da mônada ao corpo garante a referência às coisas – isto é, aos outros corpos – em função da plenitude do universo físico, quer dizer, em função do fato de a extensão estar sempre plena de corpos, não havendo, assim, nenhuma extensão vazia de matéria, nenhum vazio absoluto. Essa plenitude da extensão faz com que qualquer modificação em um corpo seja comunicada a todos os outros corpos, de tal maneira que podemos dizer, de acordo com Leibniz, que todo corpo representa em si, por meio dos fenômenos que o constituem, todas as modificações que ocorrem em todos os outros corpos. Dessa maneira, a harmonia particular entre os estados internos de uma certa mônada, por um lado, e as determinações fenomênicas de um certo corpo, por outro, possibilita que esses estados internos monádicos façam referência à totalidade do universo. Levando-se em conta, assim, que cada mônada está harmonizada com seu corpo e que os corpos pertencem a um contínuo no qual cada modificação de uma parte afeta toda e cada parte a ele pertencente, então as modificações internas de cada mônada refletem o estado geral dos corpos existentes no universo, vale dizer, refletem as modificações internas de todas as outras mônadas.<sup>14</sup>

Com relação à obscuridade e confusão de ao menos algumas dessas representações monádicas, podemos considerar que é essa mesma presença de um determinado corpo em uma extensão contínua que é a responsável pelo surgimento de idéias confusas na mônada a ele ligada. O ponto chave aqui consiste na consideração de que assumir uma posição na extensão implica situar todos os outros corpos em uma malha espacial e temporal que se distende a partir do ponto preenchido por esse corpo na linha do tempo e nas coordenadas do espaço. A inserção de um corpo nesse conti-

---

<sup>14</sup> Creio que várias passagens em Leibniz fornecem um apoio textual considerável em favor dessa minha interpretação. Cito duas delas: “Mesmo não sendo extensas, as mônadas têm um certo tipo de situação na extensão, isto é, elas têm uma certa relação ordenada de coexistência com outras coisas, nomeadamente através da máquina na qual elas estão presentes. Eu penso que nenhuma substância finita existe separada de todo corpo e que, nessa medida, elas não deixam de assumir uma posição ou uma ordem em relação às outras coisas coexistentes no universo”, em: LEIBNIZ, G.W., *Philosophical essays*, edited and translated by Roger Ariew and Daniel Garber, Indianapolis & Cambridge: Hackett, 1989, 178. A mesma idéia é retomada por Leibniz no parágrafo 62 da *Monadologia*: “Assim, embora cada mônada criada represente todo o universo, representa mais distintamente o corpo que lhe está particularmente afeto e de que constitui a entelêquia; e como esse corpo exprime todo o universo, pela conexão de toda a matéria no pleno, a alma representa também todo o universo ao representar esse corpo que lhe pertence de um modo particular”, in: Gerhardt, VI, 517.

nuo extenso-temporal acarreta, assim, necessariamente que as relações espaciais e temporais que esse corpo estabelece com todos os outros sejam diferenciadas umas das outras. Quer dizer, ao assumir um corpo um ponto específico na extensão e na linha do tempo – um corpo existe em um certo lugar e em um certo período – os outros corpos são ordenados relativamente a ele em função da posição que eles assumem nesse sistema quando se toma esse corpo como ponto de referência. Com isso introduzimos a noção de que nesse contínuo os corpos, apesar de se expressarem mutuamente, encontram-se em distâncias distintas uns dos outros.

A idéia de Leibniz parece-me ser a de que as modificações presentes nesse corpo expressariam ou registrariam de maneira mais nítida o que ocorre nas suas imediações e de maneira menos nítida e mais confusa aquilo que ocorre mais distante dele, tanto no espaço quanto no tempo. A maior ou menor distância em relação a um corpo ou a um fenômeno corporal determinaria, assim, um grau maior ou menor de clareza e distinção na expressão presente nesse corpo de modificações ocorridas em outros corpos.

Cada corpo, por causa da natureza maciça do universo, expressaria, assim, de maneira mais ou menos confusa a totalidade de modificações ocorridas neste, correspondendo, em função da harmonia entre alma e corpo, a essa expressão confusa do universo no corpo uma expressão confusa deste na alma. A confusão e a obscuridade presente nas representações monádicas seriam, dessa maneira, produtos da distância que corpos ou fenômenos assumem em relação a um determinado ponto no sistema espaço-temporal, qual seja, o ponto constituído pelo corpo ao qual a mônada em questão se encontra ligada. Fundamental aqui é observar que sem a idéia mesma de um ponto de referência no interior do sistema não faria sentido falar de distâncias diferenciadas entre os corpos – que um corpo está mais próximo ou mais distante que o outro — e, por conseqüência, de graus distintos de clareza e de distinção nas representações dos corpos.

A estratégia leibniziana deve ser reconstruída, então, de acordo com minha interpretação, como consistindo simplesmente na atribuição às mônadas de uma certa posição na extensão com o fim de, por um lado, garantir que elas representem, por meio de suas modificações internas, tudo o que existe no universo e, por outro, assegurar que essas representações sejam necessariamente parciais por expressarem uma perspectiva específica, que, como tal, ilumina alguns aspectos das coisas às quais faz referência enquanto forçosamente obscurece outros.

Essa perspectiva parcial própria a cada mônada em função da posição ocupada, no sistema extenso-temporal, pelo corpo ao qual ela está ligada consiste, em outras palavras, no ponto de vista particular a cada uma delas a partir do qual cada uma representa a totalidade do universo. Em outras palavras, segundo a metafísica leibniziana, é sendo idéia de seu próprio corpo que a mônada pode assumir uma perspectiva própria acerca do universo.

Na medida em que todas as mônadas criadas expressam a totalidade de um mesmo universo, podemos considerar que, tomados em conjunto, os estados internos de uma determinada mônada possuem o mesmo conteúdo intencional ou representacional que aquele presente em cada uma das outras infinitas mônadas. Sendo assim, não haveria como diferenciar as mônadas umas das outras em função do conteúdo de suas percepções. O único modo de preservar essa identidade referencial – todas as mônadas expressam a totalidade dos fenômenos do universo – salvaguardando, contudo, a individualidade de cada mônada consiste em considerar que a diferenciação entre elas – e, conseqüentemente, a individuação de cada uma delas — terá sua origem precisamente na diversidade dos pontos de vista assumidos. Isso significa que é a ligação a um corpo determinado, isto é, a um corpo que ocupa uma determinada posição no sistema extenso-temporal, que garante a discernibilidade das mônadas umas das outras com base na diversidade de suas representações internas, apesar dessas representações expressarem todas elas o universo em sua totalidade. Dessa maneira, sem a ligação aos corpos as mônadas não poderiam ser diferenciadas umas das outras nem individuadas.

Voltando, então, para concluir, ao argumento apresentado por Leibniz na *Teodicéia*, podemos considerar que a adoção da premissa 1 – “A ligação de uma mônada finita a um corpo é condição necessária e suficiente para que nela se produzam idéias obscuras e confusas” – pode ser plenamente justificada no interior da metafísica leibniziana, não consistindo, portanto, em uma tese arbitrária ou acessória, que pudesse ser abandonada sem que fossem ocasionados maiores danos ao sistema filosófico desenvolvido por Leibniz a partir dos anos noventa. Pelo contrário, o que espero ter tornado claro nesse esboço de uma reconstrução é exatamente que a tese da necessidade da ligação de toda mônada criada a um corpo desempenha um papel central na metafísica de Leibniz, pois é ela que garante e fundamenta tanto a inter-expressabilidade mútua das mônadas quanto a individuação delas.

Endereço do Autor:  
Rua Prudente de Moraes, 406/401 – Ipanema  
22.420-040 – Rio de Janeiro – RJ  
Telefone: (021) 2523-6549  
e-mail: edgarm@terra.com.br